

NOVOS E VELHOS DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Um olhar sobre a Escola Monsenhor Luigi Pescarmona no município de Alagoa Grande– PB

Severino do Ramo Pereira de Lima¹
 José de Arimatéia de Oliveira Silva²

Este trabalho busca apontar os desafios e dificuldades para se promover uma educação do campo eficaz e que atenda as necessidades dos povos no/do campo, tendo como enfoque central identificar e discutir os supostos problemas na Escola Municipal de Ensino Infantil Monsenhor Luigi Pescarmona, situada no Assentamento Mons. Luigi Pescarmona, Município de Alagoa Grande-PB.. De acordo com os estudos de Vendramini (2007), as primeiras experiências educacionais no campo vieram acontecer na década de 1920. Leite (1999), citado por Souza e Reis (2009), esclarece-nos que, isso só ocorreu por consequência de um depressivo número de rurícolas (camponês, trabalhadores rurais, viventes no campo), sem escolaridade formal, indo para às áreas urbanas entre o período 1910 e 1920. No entanto, a proposta de escolarização rural, na prática, se afigurou mais para uma ante-política educativa para os sujeitos do campo, logo que as escolas rurais tinham características e finalidades urbanas. Ao invés de fazer com que os jovens permanecessem no campo, este espaço escolar assumiu um papel formador de mão-de-obra para abastecer os postos de trabalho em fábricas e indústrias. A escolarização rural estendeu-se até meados da década de 1990, quando frentes sociais e políticas³ passaram a reivindicar e lutar - também pela terra - por outro modelo de educação para os diferentes grupos sociais que vivem no campo. A importância das organizações sociais para os povos do campo está para além de uma representação política, compreende a natureza do movimento, todavia, uma lógica própria, um conteúdo com propostas vinculadas a princípios organizativos e democráticos, fundamentais à existência do Movimento, como expõe Gohn (2012). A educação do campo defendida pelos movimentos sociais tem como proposta valorizar os sujeitos-alunos como sujeitos constituídos de identidades, enraizadas desde o seu nascimento. Então, defendemos uma educação apropriada, com um projeto político-pedagógico normatizada aos aspectos naturais, culturais, simbólicos e econômicos dos territórios dominados pelas “populações rurais em suas mais variadas formas de produção da vida – agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, ribeirinhos, assentados e acampados da Reforma Agrária, quilombolas, caiçaras, indígenas e outros” (RESOLUÇÃO Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008, p. 1), visto que, tais grupos possuem um universo diversificado e próprio a eles. Assim, pretendemos contribuir

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do CEAT (Centro de Estudos Agrários e do Trabalho) Campus I. Email: severino15pb@yahoo.com.br

² Graduado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do CEAT (Centro de Estudos Agrários e do Trabalho) Campus I. Email: ari_cachospb@hotmail.com

³ Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, Movimento dos Atingidos pelas Barragens, Movimento das Mulheres Camponesas, os Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Confederação dos Trabalhadores da Agricultura e a Comissão Pastoral da Terra.

veemente para a amplitude dos debates voltados à educação dessas populações e, de forma ímpar, para a formação do sujeito do campo enquanto indivíduo transformador do espaço em que habita. Estamos cientes da importância da Educação do Campo, pois, tal modelo de ensino-aprendizagem está para além do ensino formal (precário) assegurada pelas governanças políticas, ela assenta-se na luta por uma educação adequada à realidade dos sujeitos e de suas práticas como a principal bandeira. Confere a Educação do Campo no Art. 7º (RESOLUÇÃO de 2008, p. 2), ofertar as condições necessárias de ensino aos alunos oriundos do campo, desde a garantia de infraestruturas adequadas, a “materiais e livros didáticos, equipamentos, laboratórios, biblioteca e áreas de lazer e esporte” [...], além de docentes capacitados.. Desse modo, legitimamos a importância desta pesquisa à medida que buscamos averiguar a realidade da E.M.E.I. Mons. Luigi Pescarmona, tendo em vista saber se a escola tem uma infraestrutura e um material escolar adequado às demandas de uma Educação do Campo? Se o material é utilizado pelos professores? Se os docentes têm uma formação pedagógica apropriada à Educação do Campo, que vise respeitar as especificidades e características da realidade dos alunos? Que ou quais os desafios os professores identificam na referida escola, onde pode implicar em suas práticas de ensino?. Para desenvolver este trabalho e tratarmos estas questões, usamos como procedimento metodológicos: levantamento bibliográficos (Munarim, 2008; Souza e Reis, 2009; Gohn, 2012; Vendramini, 2007; Bof, 2006; Caldart, 2004; Cavalcanti e Batista, 2011; e outros) e pesquisas em documentos do Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica: Resolução CNE/CEB 1/2002. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de abril de 2002 e a Resolução Nº 2, de 28 de abril de 2008. Fizemos visitas em canais de educação respeitosos nos meios midiáticos, como CONEXÃO FUTURA e SALTO PARA O FUTURO (TV escola), bem como tivemos acesso a vídeos em canais do YouTube, em que aborda as experiências de educação do campo que tem dado certo.. A última etapa da nossa pesquisa consistiu em um trabalho de campo (Minayo, 2014), desenvolvido a partir de observações e entrevistas semiestruturadas na Escola Mons. Luigi Pescarmona. A escola funciona em um galpão, (o que distancia bastante de um ambiente escolar ideal), onde conta com um quadro de 3 três funcionários, 1 (uma) auxiliar de serviços gerais – que é cozinheira e zeladora e 2 (dois) professores(as). Ambos os docentes tem formação no Curso de Magistério (podendo lecionar até o 5º ano fundamental) e de Pedagogia. Um dos docentes também é formado no Curso de Letras. Tanto um como outro são especialistas em Psicopedagogia. Eles participam de programas de formação continuada e reciclagem dedicadas à formação e ao ensino do campo oferecidos pela Secretaria Municipal de Educação em períodos bimestrais. A Escola apresenta o modelo de multisseriabilidade entre as turmas. Isso faz com que os professores tenham que intercalar aulas simultâneas entre turmas distintas num espaço pequeno. Em relação ao material pedagógico, também há livros didáticos dedicados para a Educação do Campo. Ela não tem rede de água encanada (a água vem de uma cisterna) e nem de esgoto (fossa séptica), como também não há destinação para o lixo (só a queima doméstica). Mesmo não tendo um conhecimento mais aprofundado da escola, visto que, esta é uma pesquisa ainda em fase embrionária, a partir desses poucos dados apresentados, já é possível situar aos leitores da precarização da infraestrutura desta escola. Isso acaba dificultando mais ainda o

trabalho dos dois professores(as) e, sobretudo, de se efetivar um ensino eficaz para as crianças no assentamento. A partir de visitas e entrevista feita na escola com um dos professores, podemos identificar que a mesma está instaurada no assentamento desde o início da década de 2000 e que antes do galpão que hoje abriga os alunos, a escola funcionava em uma casa “Essa escola aqui, ela foi...construída como posso dizer?, assim...em 2001, né? Em meados, início de 2001. Funcionava numa área de uma casa, com 18 alunos multisseriados, que até hoje é multisseriados também”(Professor J. A. 21/08/17). Desse modo, a escola desde sua formação, ainda não atingiu um modelo adequado para um melhor acolhimento do copo discente, no que se diz respeito à parte física de modo geral. Foi identificado também que, mesmo existindo um terreno para à construção de uma nova estrutura escolar, os alunos e os professores têm enfrentados atrasos e descasos em relação a construção de uma “escola de verdade”, tendo em vista que, a escola já existe a mais de uma década e meia, e pouca coisa mudou.

“(...) já teve projetos pra fazer uma escola aqui mas nunca foi feito, o INCRA também já veio, até mesmo já foi medido, mas as coisas as vezes se complicam né? por , as vezes até interesses de uns de outros e termina a comunidade aqui perdendo, até mesmo **a comunidade também ela perdeu aquela confiança com as pessoas em querer construir a escola aqui, ou, em achar que é só pra “comer” recursos.**” (Professor J. A. 21/08/17) (Grifo nosso).

Entretanto tanto os alunos como os professores esperam do dia que uma escola seja erguida e o ensino, desse modo, possa melhorar significativamente. Ainda com relação a parte física do galpão onde são realizadas as atividades escolares, foi verificado que, o mesmo passa por reformas anuais e consertos eventuais, realizados a mando da prefeitura municipal, “...a gente tá sempre em contato com a prefeitura e dá um assistência na pintura, no retelhamento...”(Professor J.A. 21/08/17). Em outras palavras, a prefeitura dá a assistência básica nas questões estruturais no prédio, mesmo este sendo alugado e pertencendo a Associação de Moradores. Foi observado também que o material que é utilizado na escola é apropriado e contemplado com conteúdos voltados para a educação do campo, em todos os seus volumes, que abrange do 1º ao 5º ano fundamental. Este material didático é da Coleção Girassol - Saberes e Fazeres do Campo -, e é usado de forma bem proveitosa, como são (os livros) suficientes para os alunos que ali estudam. É importante salientar que na escola existe um incentivo à leitura. Isso ocorre no decorrer das aulas, nas quais se dedicam um tempo à para leitura de livros infantis. Com isso, os alunos são motivados a aprender a ler de forma interativa e proveitosa. Em relação às dificuldades enfrentadas pelos professores e alunos diariamente na escola, a dificuldade se deu mais sobre o acesso a escola, já que a mesma se encontra localizada a cerca de 1, 5km da rodovia, e o acesso é feito por meio de uma estrada de terra. Em “tempo de chuva é horrível passar de carro ou de moto, muito ruim mesmo, o mais, a dificuldade, tem mais essa” (idem). De modo geral, o modelo de educação no/para o campo ainda está longe do que está previsto em leis e muito pouco tem sido efetivado nos espaços de ensino. As dificuldades e os desafios da educação do campo não só perpassam no plano jurídico, mas também, é necessário que as diretrizes curriculares municipais coloquem

essa legislação em prática, que se crie uma infraestrutura escolar adequada para se efetivar este ensino juntamente a um corpo docente capacitado para concretizá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOF, Alvana Maria (organização); SAMPAIO, Carlos Eduardo Moreno... [et al.]. **A educação no Brasil rural**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, p. 236.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Políticas de Formação de Educadores(as) do Campo**. Campinas: Cad. Cedes, vol. 27, n. 72, maio/ago. 2007, p. 157-176. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>.>

CALDART, Roseli. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

CAVALCANTI, Maria Raquel Coutinho; BATISTA, Maria do Socorro Xavier. **Trabalhando Com Temas Geradores na Educação do Campo**. João Pessoa-PB: I ENCONTRO DE PESQUISAS E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO DO CAMPO DA PARAÍBA. UFPB, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA RESOLUÇÃO CNE/CEB 1, DE 3 DE ABRIL DE 2002. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo.

ENTREVISTA CONCEDIDA PELO PROFESSOR J.A, NO ASSENTAMENTO MONSENHOR LUIGI PESCARMONA Concedida em: 21/08/2017. 9h:30m.

ESCOLAS ESQUECIDAS: Escolas brasileiras sem infraestrutura mínima adequada. Instituto CNA - Instituto de Estudos e Pesquisas Sociais e do Agronegócio. OBSERVATÓRIO DAS DESPROTEÇÕES SOCIAIS NO CAMPO.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47. 2011, p. 333-512.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: - 14 - .ed. Hucitec, 2014. P. 407.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA RESOLUÇÃO Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008. RESOLUÇÃO Nº 2, DE 28 DE ABRIL DE 2008.

MUNARIM, Antônio. **Trajetória do movimento nacional de educação do campo no Brasil**. Ed: 2008 – vol. No. 01, GT-03: Movimentos Sociais e Educa. Disponível em: coralx.ufsm.br/revece/2008/01/a4.htm. acesso as 10h:35min do dia 05 de setembro de 2015.

PROGRAMA CONEXÃO FUTURA exibido no canal futura de segunda a sexta-feira, as 14h:30 min. Tema: **Os desafios para Educação do Campo**. Disponível

em: www.futura.org.br

PROGRAMA SALTO PARA O FUTURO (TV ESCOLA). Tema: **Educação Infantil no Campo**. Disponível em: www.tvbrasil.org.br

QUAIS OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO. Disponível em:

<<http://www.promenino.org.br/noticias/reportagens/quais-os-desafios-da-educacao-do-campo-a-professora-eliene-novaes-rocha-da-unb-detalha-as-dificuldades-e-perspectivas-da-area-rural>>

SOUZA, Maria Antônia de. **Educação do Campo**, Desigualdades Sociais e Educacionais. Campinas: Educ. Soc., v. 33, n. 120, jul.-set. 2012, p. 745-763.

SOUZA, Neli Pereira; REIS, Rosini Mendes. **Educação do Campo: Prática Pedagógica**. Faculdades Integradas do Vale do Ivaí – Univale / Instituto de Estudos Avançadas e Pós Graduação – Esap. Monografia de curso de pós-graduação Lato Sensu em Ensino de Geografia e História. Umuarama - PR. 2009.

VENDRAMINI, Célia Regina. **EDUCAÇÃO E TRABALHO: REFLEXÕES EM TORNO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO**. Campinas: Cad. Cedes, vol. 27, n. 72, maio/ago 2007, p. 121-135. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br> >